

- RICHARDSON, Alan. *Génesis I-XI. Introducción y Comentario*. Buenos Aires: La Aurora, México: Casa Unidade, 1963. 149 p.
- RUPPERT, Lothar. Prospecto Sinóptico das Três Grandes Fontes do Hexateuco J, E, P (Gn 1-Jz 1, exceto Dt 1-30). Em: SCHREINER, Josef. Palavra e Mensagem. Introdução teológica e crítica aos problemas do AT. 2 ed. Trad. de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 525-535.
- SCHIAPARELLI, Giovanni. *La Astronomía en El Antiguo Testamento*. Trad. de José San Román Villasante. Buenos Aires: Losada, 1945. 219 p.
- SILVA, J. C. Avelino da. O Princípio Feminino em Zeus, *Fragmentos de Cultura*, v. 13 (especial), 2003, p. 13-30.
- SPEISER, E. A. *Genesis. Introduction, translation and notes*. New York: Doubleday, 1964. 378p.
- THE COMPLETE BIBLE. *An American Translation*. Antigo Testamento traduzido por J. M. Powis Smith, Theophile J. Meek, Leroy Waterman e Alex R. Gordon. Novo Testamento e Apócrifos traduzidos por Edgar J. Goodspeed. Illinois: The University of Chicago Press, 1951.
- TIKVA, Frymer-Kensky. Atrahasis epic and its significance for our understanding of Genesis 1-9. *Biblical Archaeologist*, n. 40, 1977, p. 147-155.
- TURNER, Samuel H. *Companion to the Book of Genesis*. New York, London: Wiley and Putnam, 1841. 650 p.
- ULLENDORFF, Edward. The Construction of Noah's Ark, *Vetus Testamentum*, v. 4, n. 1, 1954, p. 95-96.
- VERDIERE, Eugene A. La. *Introducción al Pentateuco*. Bilbao: Mensajero, Santander: 'Sal Terrae', 1972. 86 p.
- VON RAD, Gerhard. *El Libro del Genesis*. Trad. de Santiago Romero. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1977. 539 p.
- WATTS, J. Wash. *A Distinctive Translation of Genesis*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1963. 154 p.
- WENHAM, Gordon J. Coherence of the flood narrative. *Vetus Testamentum*, v. 28, n. 3, 1978, p. 336-348.
- WESTERMANN, Claus. *Handbook to the Old Testament*. Trad. de Robert H. Boyd. London: SPCK, 1967. 284 p.
- WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e Culto no Israel do Antigo Testamento*. Trad. A. F. Stein. São Paulo: Loyola, 2001. 151 p.

Oswaldo Luiz Ribeiro é Mestre e Doutorando em Teologia pela PUC-Rio. Leciona no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

## OS FARISEUS E SUA CONTRIBUIÇÃO TEOLÓGICA PARA O JUDAÍSMO E O CRISTIANISMO

*Diacono Manoel F. de Miranda Neto*

Geralmente entre os cristãos, sejam eles católicos ou não, o interesse que se dá aos fariseus e ao farisaísmo se reduz apenas ao período histórico que engloba o nascimento do cristianismo. Acredita-se que os fariseus não tiveram, e não têm até hoje, nenhuma importância por eles mesmos. Ignora-se o fato de que a História deles começou antes do cristianismo e que, sob um outro nome, ela continua até hoje.

Os fariseus são geralmente olhados como os adversários de Jesus, como os homens que reduziram o judaísmo a uma condição tal, que o cristianismo veio, como uma reação, para dar o verdadeiro sentido às Escrituras. Farisaísmo e cristianismo aparecem, assim, como duas realidades completamente opostas, divergentes. Enfim, se vê o farisaísmo como a hipocrisia organizada. A frase áspera de Jesus - "escribas e fariseus hipócritas" - sempre vem à mente das pessoas quando se fala de fariseus, e ela parece resumir tudo o que se pode dizer dos fariseus.

Ora, por mais natural que isto pareça, este ponto de vista é inexato e, sobretudo, ele é superficial. Ele não leva em consideração as razões pelas quais os fariseus eram o que eram, e nem leva em consideração a importância dos fariseus para o próprio judaísmo, antes e depois do cristianismo. Este ponto de vista limita a importância dos fariseus apenas às suas relações com o cristianismo. E ele é fundamentado apenas pela literatura do Novo Testa-

mento. Hoje, chegou-se a um consenso entre os estudiosos dos textos bíblicos de que os Evangelhos não constituem uma fonte confiável para o conhecimento e a compreensão do significado do farisaísmo para Israel. A visão que os Evangelhos nos dão dos fariseus é conseqüência das querelas tardias entre as comunidades cristãs e judaicas. Portanto, o retrato dos fariseus nos Evangelhos, numa primeira vista, é negativo, depreciativo. É isso de modo tal, que a gente tem dificuldades de ver certas semelhanças entre o cristianismo e farisaísmo. A tendência que se tem é de ver os dois como os extremos.

O objetivo deste trabalho é, justamente, apresentar uma outra visão dos fariseus e do farisaísmo, mostrando a grande contribuição teológica dos fariseus para o judaísmo do seu tempo e para o nosso cristianismo. Em um primeiro momento serão abordados temas como a origem dos fariseus, sua concepção religiosa e seu ideal de vida. No segundo momento serão abordados temas como os fariseus no Novo Testamento, o atrito entre cristãos e fariseus no Novo Testamento e tradição farisaica e cristã.

## A ORIGEM DOS FARISEUS

Não se pode pensar a origem dos fariseus sem antes refletir sobre o retorno dos judeus do exílio da Babilônia, pois a hipótese mais plausível sobre as origens dos fariseus é a que coloca o retorno do sacerdote Esdras do exílio da Babilônia como o ponto de partida da história do farisaísmo. Vários autores modernos e contemporâneos defendem essa idéia<sup>1</sup>. Apesar de consultar outros autores, eu fundamentei minha pesquisa na obra de Travers Herford, *Os fariseus*. Esse autor utiliza as fontes rabínicas como o talmud, a mishna e fontes históricas como Flavio José, para fundamentar a sua teoria.

O primeiro retorno da Babilônia se dá de 537 a 516<sup>2</sup>. O retorno é decepcionante, pois chegando a Judéia, o povo não encontram nada. O templo

está destruído, o povo que ficou na Judéia era iletrado e pobre e, portanto, incapaz de reorganizar a vida religiosa. Os que voltavam do exílio tinham o inconveniente de não falar mais o hebraico, o que dificultava, assim, a leitura dos textos sagrados e a organização de qualquer movimento religioso. Eles conseguem reconstruir o segundo templo, mas, no entanto, não conseguem se organizar bem, como povo religioso. Esdras percebe, então, o perigo. Pois o povo sem organização e em contado com o mundo pagão poderia, facilmente, ser transviado definitivamente do judaísmo (Esd 9). Ele resolve, por sua vez, voltar para reorganizar a vida religiosa dos judeus. No ano 458 a.C., ele reúne um grupo de religiosos e volta para a Judéia<sup>3</sup>. Esdras vai salvar a religião judaica. Ele é, portanto, comparado em mérito a Moisés. Se Moisés é o fundador da religião judaica, se ele lhe deu o poder de se elevar acima das outras religiões, Esdras é o salvador dessa religião.

Esdras tem duas grandes idéias: a) ele decide separar a comunidade judaica do mundo pagão; b) ele proclama a torah como o guia da vida dos judeus. Mas, a interpretação desse guia exigia pessoas capazes de ler a lei e de lhe dar o seu sentido. Surgem, assim, os *soferim*, os escribas que liam e interpretavam a lei para o povo (Nm 8). A função dos *soferim* aparece bem definida em Esdras 7,10, onde é dito que Esdras tinha aplicado o seu coração a perscrutar a Lei do Senhor, a praticar e a ensinar, em Israel, os estatutos e as normas. Neste versículo está resumida a função dos *soferim*, e podemos ver nele os germes do farisaísmo. Lei, normas e estatutos são vocabulários próprios dos fariseus. Essa função dos *soferim* será assumida mais tarde por eles.

Mais tarde, em 198 a.C, a Judéia passa a ser dominada por Antíoco III. Ele se mostra amigo dos judeus e permite a criação de um senado<sup>4</sup>. No comando do senado havia um casal: um era responsável pelos assuntos civis e outro se encarregava dos assuntos religiosos. Mas a autoridade suprema era o sumo-sacerdote. O problema é que o senado parece muito influenciado pela cultura grega e não somente o senado, mas as classes ricas se identificam

<sup>1</sup> HERFORD, R.Travers. *Les Pharisiens*. Paris: Payot, 1923, p.18

<sup>2</sup> PICARD, M. *Juifs et Judaïsme (de -700 à +70)*. Paris: Pajot, 1987, p. 85

<sup>3</sup> PICARD, M. *Idem*. p. 99

<sup>4</sup> PICARD, M. *Idem*. p.133

cada vez mais com o modo de vida dos gregos. Nasceram, assim, dois partidos: os Hassidim (os puros) e os helenizantes (os *mityavinim*). Os helenizantes têm como objetivo fazer de Jerusalém uma capital próspera; eles são flexíveis à cultura grega: vão aos ginásios e ao teatro, se vestem como os gregos, usam nomes gregos. Os Hassidim são recrutados nas classes pobres, são ligados à Torah e recusam todo tipo de concessão com relação à cultura pagã. Eles são os verdadeiros protetores da Torah. Esses hassidim participaram da revolta dos macabeus, em 166, contra a tirania de Antíoco IV, que pretendia acabar com o judaísmo. No entanto, depois que os macabeus conquistaram a liberdade religiosa, os hassidim se afastaram da vida política e se dedicavam apenas à prática da religião. Muitos estudiosos afirmam que os fariseus surgiram diretamente desses Hassidim<sup>5</sup>. Eles citam como prova o modo de vida dos hassidim que é semelhante ao dos fariseus. Depois da revolta dos macabeus o nome dos hassidim não aparece mais na História.

Enfim, o nome fariseu aparece pela primeira vez na história no ano 135, no período em que João Hircano assume a liderança da Judéia, depois da morte do último filho de Matatias, Simão<sup>6</sup>. João Hircano era ambicioso, ele inaugura uma política de expansão, ele conquista a Samaria e converte, à força, a população impondo a circuncisão. O que é completamente contrário ao judaísmo. Diante da política ambiciosa de João Hircano surgem dois partidos: os saduceus e os fariseus.

Os saduceus são um partido nacional, que apóia a política de João Hircano. Eles são recrutados nas classes altas. Eles preferem se ocupar da política, dos interesses do reino, a se ocupar completamente do problema da Lei. Para eles, a Torah se limitava apenas ao que estava escrito no Pentateuco. Eles recusavam a validade da tradição oral enquanto interpretação da Torah

Os fariseus aparecem como o oposto dos saduceus. Eles são recrutados nas classes médias, são contra a política de Hircano. Eles se ocupam, sobretudo, de manter a Torah na sua pureza, e de preservá-la de considerações

<sup>5</sup> FINKELSTEIN, L. *The Pharisees. The Sociological Background of their Faith*. Philadelphia: [s.n.], 1938.

<sup>6</sup> HERFORD, R. Travers. *Idem*, p. 31

profanas. Para eles a Torah é uma revelação divina, para guiar Israel em todos os atos da vida. A Torah exige a obediência de todos os membros da nação.

É interessante notar que os fariseus aparecem no momento difícil para a fé de Israel. Hircano e os saduceus se interessam mais pela política do que pela religião e, mais uma vez, a fé do povo se encontra em perigo, dependendo completamente da inteligência e da fidelidade dos fariseus. Os fariseus assumem a mesma responsabilidade que os sofrim assumiram na época de Ciro, e que os Hassidim assumiram na época de Antíoco III. A função era a mesma: preservar a Torah como guia principal de Israel e manter viva a fé e a tradição do povo baseada na Torah. Nós podemos dizer então que os sofrim e os hassidim são as origens dos fariseus, no sentido de que a ideologia dos sofrim e dos hassidim é assumida e desenvolvida pelos fariseus. Nós podemos ver o farisaísmo como a evolução do que foi o movimento dos sofrim e dos hassidim. Os fariseus já aparecem na história como os preservadores do judaísmo, assim como foram os Soferim e os Hassidim.

## O NOME FARISEUS

A palavra fariseu vem da raiz verbal *Parash*, que significa separar. Daí vem o substantivo plural *perushim*, que significa os separados. Alguns estudiosos acreditam que o nome fariseu vem como consequência da querela entre fariseus e saduceus, que gerou a separação dos dois grupos. O termo fariseus significa, assim, apenas os que são separados, ou os que vivem separados. Essa seria uma explicação simples. O problema é que os fariseus são chamados de fariseus mesmo antes da querela com os saduceus, que se deu sob o governo de João Hircano.

Alguns textos da Mishiná<sup>7</sup> ligam a palavra fariseu à Lei de santidade em Lv 19,1. A palavra hebraica para dizer santo é *Qadosh*. Só que santo, na

<sup>7</sup> MANN, F. *Le Judaisme, Milieu et Memoire du Nouveau Testament*. Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1992.

mentalidade judaica, significa separado para Deus para cumprir uma missão. É nesse sentido que Deus chama Israel a ser santo em Lv19, 1 (Sifra). Ele deve ser um povo separado por Deus para cumprir uma missão. A Mishná liga a palavra a parush à qadosh, os dois são sinônimos. O que significa dizer que a palavra fariseu significa aquele que é separado por Deus para cumprir uma missão. A palavra fariseu indica, assim, a própria missão dos fariseus. Eles vivem separados para cumprir uma missão específica para Deus, que é fazer o povo viver segundo a Torah e fazer com que essa Torah seja sempre viva no meio do povo. Nós temos aqui uma visão bastante positiva dos fariseus.

### OS FARISEUS E SUA CONCEPÇÃO DE RELIGIÃO

A chave para se compreender a concepção religiosa dos fariseus se encontra em duas palavras<sup>8</sup>: a) Torah; b) Tradição oral.

#### a) Torah

A palavra Torah vem do verbo iarah, que significa ensinar. Desta raiz verbal iarah surge o substantivo Torah, que significa ensinamento. No começo, esse substantivo significava todo tipo de ensino dado por uma pessoa ou outra. Mas, muito tempo antes de Esdras, a palavra Torah toma um sentido religioso. Ela passa a indicar o ensino dado por Deus ou em seu nome, a comunicação de sua vontade e de tudo aquilo que Ele quer revelar a seu povo. Torah é, pois, o ensino de Deus, é a sua Lei. Hoje a palavra Torah é usada apenas no sentido religioso.

#### b) Tradição oral

A tradição oral é a explicação ou a interpretação da Torah escrita. Ela tem valor de palavra de Deus. Para os fariseus, quando Deus deu a Torah

escrita a Moisés, juntamente com a Torah foi transmitida uma explicação não escrita, que eles chamam de Torah oral. Existem, pois dois tipos de Torah: a Torah she be al pê, Lei oral e a Torah she be katuv que eles chamam de Lei escrita. Essa Torah oral funciona como complementação da Torah escrita. É nela que se insere toda tradição oral, que é baseada na interpretação da Torah escrita. Se de um lado há a Torah escrita a qual não se pode acrescentar nem um iod, do outro há a Torah oral que é aberta e que funciona como a atualização da Torah escrita. De modo que a Torah escrita sempre responde as necessidades contemporâneas. Essa concepção de Torah se confronta com a idéia de Torah para os saduceus.

Para os saduceus a Torah se reduzia apenas ao texto escrito do Pentateuco, contendo tais e tais preceitos precisos. As pessoas deviam observar apenas o que estava escrito por esta quantidade X de palavras contidas na Torah. Se surgisse um caso legal que não estava indicado precisamente na Torah escrita, então seria da competência do sacerdote, enquanto guarda e instrutor da Torah, de dar os preceitos que ele julgasse necessários para resolver tal problema. Mas esses preceitos eram de autoridade puramente humana, e não faziam parte da Torah. Essa autoridade dada ao sacerdote vem da Torah escrita (Dt17, 9-11). Tu virás até o sacerdote e o levita e te informarás e eles te dirão as palavras de julgamento.

Nesse caso, os sacerdotes saduceus passavam para aqueles que vinham interrogá-los sua própria opinião. Eles reclamavam o direito de ensinar o povo, seja com palavras que vinham da Torah ou não. O problema maior dessa atitude dos saduceus de substituir o ensino da Torah pelo ensino puramente humano, quando aparecia um caso novo não explícito na Torah, era de fazer da própria Torah algo inutilizável. Essa Torah corria o risco de se tornar apenas uma relíquia sagrada e arcaica, sem nenhuma relação com a vida contemporânea, pois mais o tempo passava, mais as coisas mudavam e cada vez mais problemas novos iam surgindo. Porém, as ocasiões que permitam a observância das palavras contidas na Torah se tornavam cada vez mais raras. Enquanto isso, preceitos novos, orientações novas, sem ligação com a Torah iam aparecendo. Desse modo, a Torah estava fadada a desaparecer.

<sup>8</sup> HERFORD, R. Travers. Idem. p 60-102

Qual é a reação dos fariseus? Em primeiro lugar eles tentam descentralizar a Torah das mãos dos sacerdotes. Ela é dada a todo Israel e não somente aos sacerdotes. Portanto, se houver alguém que não é sacerdote, mas se acha competente para descobrir o sentido da Torah, ele tem o direito de fazê-lo. Os preceitos e as orientações dadas pelos sacerdotes só são válidos se eles são baseados na Torah, ou se o que eles ensinam está, ao menos, em harmonia com a Torah. O povo se engajou a observar a Torah e nada fora dela. Todos os deveres religiosos do povo devem ser sancionados pela Torah, e não devem derivar unicamente da autoridade legislativa do sacerdote ou dos governantes. Mas, como fazer isso, se há casos que não estão citados na Torah escrita? Através da Torah oral. É para isso que ela serve, ela interpreta, atualiza a Torah escrita. No texto escrito contém tudo, é preciso apenas achar o seu sentido e adequá-lo à realidade.

Enfim, essa concepção farisaica da Torah foi de grande importância para o desenvolvimento do judaísmo. Ela quebrou os entraves que incomodavam a vida religiosa do povo e colocou o espírito deste povo em estado de receber uma nova inspiração de Deus. Pois a velha idéia saduceia tendia a fazer da Torah um velho texto sagrado, do qual o ensino se adequava cada vez menos às necessidades religiosas do seu tempo. Se esta tendência tivesse persistido, a religião judaica teria se tornado uma simples representação cerimonial, um ritual morto, sem sopro de vida divina para animá-la. Nada poderia ajudar o crente a realizar sua união com Deus. Foi desse perigo que os fariseus livraram a religião judaica. A exaltação da Torah a preservou de se tornar uma revelação fechada. A Torah se tornou, assim, uma revelação aberta. No lugar de um texto morto se tornou um texto vivo, no lugar de um texto composto depois de longo tempo, estático do qual o sentido não podia jamais mudar e nem nada dizer de novo, a gente obteve um texto do qual o sentido é dinâmico e está a favor de uma interpretação sempre recente.

Nenhuma pessoa que conheça e compreenda bem as obras dos fariseus pode negar que, de fato, o Espírito de Deus estava sobre eles e sobre aqueles que eles fizeram conhecer a Torah. Foram os fariseus que preservaram a religião judaica da extinção nos dias dos saduceus. A Torah, concebida como divina e inesgotável, é a palavra de ordem de todo judaísmo pós-fariseu. Ela encontra sua expressão hoje no Talmud, nos midrashim e na literatura judaica em geral.

## O IDEAL DE VIDA DOS FARISEUS

Os fariseus, como já diz o nome, mesmo viviam separados do resto do povo do país. O objetivo dessa separação é tentar viver os 613 mandamentos e cumprir bem a risca as leis de pureza ritual. A lei para os fariseus era, em primeiro lugar, uma árvore de vida antes de ser um objeto de discussão. A observância dessa Lei era fonte de mérito (Abot6, 11).

Em um texto da Mishina, chamado tosephtha megila 4, 15, R. Eleazar ben Zadoq faz um comentário sobre o estilo de vida dos fariseus<sup>9</sup>. Ele diz que uns iam a um almoço de noivado, outro a um almoço de casamento, outro a um recolhimento de ossos e outros a um funeral. Ao ler este texto, se percebe que a observância das obras de caridade era uma das preocupações dos fariseus. De origem modesta, os fariseus prestavam aos pobres um serviço desinteressado e nada cobravam por isso.

Piedosos, os fariseus se preocupavam também com os serviços litúrgicos no Templo. Eles acusavam os sacerdotes saduceus de serem em dias de festas apenas açougueiros profissionais. Mesmos se os sacerdotes eram saduceus eles executavam os rituais nos dias das festas segundo a decisão dos fariseus que gozavam de uma grande simpatia no meio dos fiéis. Flavio José, em Antiguidades Judaicas XIII 13, 5, afirma que a multidão dos fiéis olhavam os fariseus como os seus mestres, e queriam que o serviço no Templo fosse realizado segundo o costume dos fariseus. Devido o seu zelo pela religião e pela tradição judaica, os fariseus ganharam a estima do povo, de modo que Flavio José diz, em Antiguidades Judaicas XIII 10,5-6, que os fariseus tinham um grande poder sobre a população, que qualquer coisa que eles dissessem sobre o sumo-sacerdote ou sobre o rei, a multidão acreditava. Isso mostra que o ideal de vida dos fariseus era apreciado pelo povo.

No entanto, os fariseus não eram todos santos e iguais. O Talmud de Jerusalém, Berakhot 9, 7 apresenta 7 tipos de fariseus: o primeiro aceita a lei

<sup>9</sup> Cf. MANNIS, F. Idem. p 159-162

como fardo. Para ele, seguir todos esses mandamentos é um peso que ele tem que carregar nos ombros. O segundo, é aquele que age por interesse, que espera ganhar algo de imediato no cumprimento da lei. O terceiro, é aquele que contrabalança. Ele cumpre um mandamento e viola outro que ele acha mais difícil e no fim aparece como seguidor da lei. O quarto, é aquele que poupa por ostentação. Ele poupa para que ele possa cumprir um preceito religioso. Esse é um fariseu exibicionista. O quinto tipo é o fariseu que tem consciência de seus deveres, e procura apagar seus pecados fazendo boas ações. O sexto tipo é aquele que age por temor a Deus como Jó. E o sétimo, é aquele que age por amor como agiu Abraão do qual o amor converteu mesmo os maus.

Essa diversidade de fariseus apresentada pelo Talmud nos impede de criar uma caricatura negativa dos fariseus. Havia vários tipos de fariseus, como há hoje vários tipos de católicos. O que se precisa separar é a causa farisaica desses vários tipos de fariseus. A causa farisaica, o seu objetivo é nobre. Enfim a gente pode resumir o ideal da vida farisaica: Observância rigorosa dos preceitos, prática da pureza ritual, prática da caridade e da oração.

### DOIS FARISEUS FAMOSOS: HILLEL E SHAMMAY

Dois fariseus famosos deixaram suas marcas na história do judaísmo, de modo que não se pode falar de fariseus sem citar o nome dos dois<sup>10</sup>: Hillel e Shamai. Hillel nasceu na Babilônia, no ano 80 a.C. Ele estudou na Judéia na escola de Shamai. Hillel é conhecido pelo seu amor pela Torah. Apesar de ser de família muito pobre, ele não renunciou ao estudo da Torah. O seu objetivo maior era o de propagar o conhecimento da Torah a todos. Ele foi nomeado presidente do sínodo no tempo de Herodes. Durante 40 anos ele foi o líder espiritual do povo judeu. Sua contribuição para a tradição oral é incalculável. Até hoje, a Halakhah é segundo a escola de Hillel. Ele resumia toda lei em uma frase: Não faças aos outros aquilo que tu não gostarias que eles

te fizessem. Aí está toda a Torah. O resto é apenas comentário disso. Seu ensinamento é considerado como mais prático e menos rigoroso do que o ensino do seu mestre Shamai. Um exemplo claro é a questão do divórcio, ao qual se opõe duramente Shamai, enquanto Hillel o defende. Shamai exigia um motivo grave para o repúdio (Gn2,24). Para Hillel, no momento em que o amor estava morto e a vontade do esposo era terminar a união, ela deveria ser dissolvida. Hillel defendia o lado prático e existencial do casamento. Para ele o que dizia a validade do casamento era a própria existência prática do casamento. Uma vez, que não houvesse mais casamento na prática, ele não deveria existir de modo formal. Para Shamai o importante era defender o ideal do casamento. Esse ideal aparece em Gn2, 24, o casamento é uma união querida pelo próprio Deus. Ela tem um caráter durador, portanto o homem deve fazer de tudo para atingir esse ideal. Mais tarde Jesus assume a mesma idéia de Shamai (Mt10,1-12).

Humilde e paciente, as atitudes sociais e os traços da personalidade de Hillel evidenciam uma grande semelhança com os de Jesus nos Evangelhos. Muitas vezes, Hillel e Jesus expressam as mesmas idéias e os mesmos valores. O Talmud em *pirkei avot*2, 8 cita um ensino de Hillel, que mostra bem sua preocupação e seu engajamento com a vida ética. Ele diz:

“Mais carne mais verme, mais propriedades mais preocupação, mais esposas mais feitiços, mais concubinas, mais impudor, mais empregados, mais roubos. Porém, do outro lado: Mais Torah, mais vida, mais estudo mais sabedoria, mais indagação, mais discernimento, mais justiça, mais paz. Adquirir um bom nome é adquirir um bem para si próprio, adquirir o conhecimento da Torah é adquirir para si a vida no mundo futuro”<sup>11</sup>.

Sabe-se pouco sobre a vida de Shamai. Ele nasceu na Judéia, no meio rico. Ele é conhecido como um homem severo, rigoroso e mal-humorado. Seus discípulos são recrutados nas classes burguesas e tradicionais. Ele é contra

<sup>10</sup> Cf. MANNIS, F. Idem. p.158

<sup>11</sup> MIRANDA, Evaristo.E. de.; MALCA, José. M. Schorr. *Os sábios fariseus, reparar uma injustiça*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 122

o ingresso de gentio no judaísmo, e é engajado na luta contra a dominação estrangeira. Apesar do rigorismo, seu conhecimento em matéria da Torah é indiscutível, e sua contribuição para a formação da Mishna é grande. Sua posição sobre o casamento é mantida por Jesus. Mestre de Hillel, a maior parte de suas posições sobre a Lei é oposta à de seu discípulo. O Talmud registra 316 controvérsias entre as escolas de Hillel e de Shamaï. Deste número, somente 55 vezes a escola de Shamaï fez regras mais leves do que a escola de Hillel. A preocupação fundamental de Shamaï era salvaguardar os princípios fundamentais do judaísmo, e sua visão teológica era mais teocêntrica. Hillel se preocupava mais com a aplicação da lei na prática e sua visão teológica era mais antropocêntrica.

### *Os fariseus no Novo Testamento*

Não se pode compreender a visão negativa dos fariseus no Novo Testamento, sem conhecer o contexto no qual a literatura neotestamentária foi gerada. Tudo começa a partir do ano 70 d.C., com a destruição do Templo e a reorganização do judaísmo. Depois da destruição do Templo, o judaísmo se encontra, mais uma vez, ameaçado de extinção. A figura salvadora, desta vez, é o fariseu Yohanan Bem Zakkai, que juntamente com outros sábios fundam a famosa escola de lavneh<sup>12</sup>. O objetivo era manter o judaísmo vivo, apesar da destruição do Templo. Yohanan acredita que a Torah escrita e a Torah oral podem ser o novo ponto de referência de Israel. O judaísmo poderia sobreviver, assim, independente do Templo, que era o elo de ligação do povo. A reorganização do judaísmo em lavneh concentra-se, antes de tudo, na Torah oral. Os sábios nada fizeram a não ser confirmar a Torah oral dos fariseus. O judaísmo de lavneh é, portanto, puramente farisaico. No entanto, havia outros grupos como os saduceus, os essênios e os cristãos que se sentem judeus, mas não compartilham totalmente com a opinião farisaica da escola de lavneh

<sup>12</sup> NODET, E.; TAYLORS, J. *Essai sur les Origines du Christianisme*. Paris: Du Cerf, 1998

No período de Iohanan Bem Zakkai, cada um desses grupos parecem levar uma vida à parte, sem concordar um com o outro, mas também sem se disputar. A intolerância começa quando Iohanan Bem Zakkai foi substituído por Gamaliel II. Ele reforça a escola de lavneh trazendo doutores e discípulos de valor, ele mantém bons contatos com as autoridades romanas e visita as comunidades judaicas na Galiléia e em Roma. Ele pretende unificar todas as comunidades judaicas sob uma única autoridade, ou seja, sob a autoridade da escola de lavneh e, com isso, ele tenta fazer do judaísmo em geral um judaísmo farisaico. Os judeus cristãos, que têm outro ponto de referência sobre judaísmo, vão se confrontar com o novo modelo de judaísmo imposto por Gamaliel II.

É neste contexto que nasce a literatura neotestamentária antifarisaica. O objetivo dessa literatura é justamente combater o farisaísmo intolerante de Gamaliel II, e mostrar uma outra forma de se viver o judaísmo. Nesse sentido os Evangelhos não podem falar bem dos fariseus. No entanto, penso que a crítica aos fariseus nos Evangelhos pode ser mais restrita do que se imagina. Ela não contesta toda a doutrina farisaica, pois, o cristianismo assume parte dessa doutrina; essa crítica se limitaria apenas aos líderes fariseus que estavam à frente da organização do judaísmo e a certas teorias farisaicas. A nossa tendência é de ler nos Evangelhos uma crítica que anularia todo o sistema religioso farisaico, e que incluiria todos os fariseus.

### **O CONFRONTO ENTRE FARISEUS E CRISTÃOS NO NOVO TESTAMENTO**

Existiram motivos, tanto do lado dos cristãos como do lado dos judeus, para que houvesse confronto entre os dois grupos. Do lado judaico, os fariseus tentam livrar o judaísmo do perigo de extinção, e impõem a Torah oral como forma de atualização da Torah escrita e como forma de preservar a tradição judaica. Do lado cristão, o elemento principal é a aceitação de Jesus como o Messias esperado. O ponto de referência dos cristãos para a interpretação e

atualização da Torah escrita já não é mais a Torah oral, mas o próprio Jesus<sup>13</sup>. Se de um lado os Judeus rejeitam Jesus, do outro lado os cristãos rejeitam a Torah oral dos fariseus. A vivência pacífica entre os dois grupos torna-se impossível.

A querela entre os dois grupos nos Evangelhos aparece na disputa entre Jesus e os fariseus. Os Evangelhos tentam, pois, mostrar a superioridade do ensino de Jesus com relação ao ensino equivocado dos fariseus. A gente consegue ver a verdadeira tensão entre cristãos e fariseus.

Um exemplo claro disso se encontra em Mc 7, 1-13. Os fariseus acusam os discípulos de Jesus de comerem com as mãos impuras e, portanto, de quebrarem a tradição dos antigos. A resposta de Jesus é violenta e com a ajuda de Is 29, 13, este povo me louva com a boca, mas o seu coração está longe de mim, ele chama os fariseus de hipócritas e os acusa de abandonar os mandamentos de Deus para se apegar à tradição dos homens. Aqui a tradição dos homens que é chamada também neste mesmo capítulo de tradição dos antigos (Mc 7,3) é a tradição oral dos fariseus. A comunidade cristã de Marcos rejeita a tradição farisaica, como uma tradição humana que anula a palavra de Deus. O ensino dos fariseus aqui, com relação às leis de pureza em matéria de alimentação, aparece como equivocado e é substituído pelo ensino de Jesus.

A réplica dessa mesma disputa se encontra em Mt 15, 1-9. Aqui os fariseus acusam os discípulos de violar a tradição dos antigos e Jesus os acusa de violar a Lei de Deus por causa da tradição deles. A comunidade de Mateus vê também tradição oral como empecilho para a prática dos mandamentos de Deus.

O um outro confronto entre Jesus e os fariseus, que mostra divergência entre ensino farisaico baseado na Torah oral e ensino cristão, se encontra em Mt 12,1-8 que fala sobre a observância do Sábado. Os fariseus acusam os

discípulos de violarem o Sábado. Jesus tenta mostrar que, na condição na qual se encontram os discípulos, eles podem violar o sábado. Eles estão com fome. A questão aqui é o modo de como se deve observar o sábado. Para os fariseus ele é inviolável em todas as circunstâncias. Para Jesus, se o homem está em perigo e não pode observar o 'sábado ele pode violá-lo'. Para Jesus, o importante aqui é proteger a vida do homem. Ele argumenta, citando o exemplo de Davi que inflige a lei comendo o pão da proposição, que era destinado ao sacerdote. Ele cita também a lei da misericórdia citada em Os 6, 6. Deus quer a misericórdia e não sacrifício. Nós podemos ver aqui dois ensinamentos: o dos fariseus e o de Jesus, que é na realidade o ensino da comunidade cristã. Os cristãos que rejeitam a inflexibilidade dos fariseus diante do Sábado e assumem uma nova postura que eles apresentam como sendo ensinada por Jesus. O ensino dos fariseus sobre como cumprir o sábado deve ser baseado na Torah oral. Enquanto que os cristãos assumem uma nova postura tendo como referência Jesus.

Essa hostilidade contra os fariseus nos Evangelhos sempre foi vista de modo generalizado e fora de contexto. Ela acontece no primeiro século depois Cristo, no momento em que tanto os judeus como os cristãos necessitavam de estratégias para garantir proteção e crescimento futuro. O judaísmo tenta se reconstruir e o cristianismo tenta se construir. Neste contexto, é inevitável o confronto entre os dois grupos que têm princípios gerais comuns, mas se distanciam em alguns pontos que cada um julga fundamentais para si.

No entanto, se de um lado essa hostilidade contra os fariseus é evidente quando se trata de fariseus, enquanto líderes representantes de um ensino, do outro lado isso não ocorre, quando se trata de fariseus enquanto indivíduos<sup>14</sup>. Por exemplo, José de Arimatéia, fariseu, é considerado por Lucas como um homem bom e justo, é ele quem pede o corpo de Jesus e lhe dá um túmulo (Lc 23,50-55). Nicodemos também é fariseu, em Jo 7, 50 ele é apresentado como defensor de Jesus contra os próprios fariseus, que queriam prender

<sup>13</sup> COLLIN, M.; LENHARDT, P. *Evangelhos e tradição de Israel*. [s.l.; s.n.], 1990. Tradução M. Cecília de M. Duprat (Col. Cadernos Bíblicos, 58, p 43-63)

<sup>14</sup> MIRANDA, E. de.; MALCA, J. Shorr. *Os Sábios Fariseus, Reparar uma Injustiça*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 61-67



Jesus por causa do tumulto que ele causou entre o povo. É ele que comparece, também, no sepultamento de Jesus, trazendo mirra e aloés tento gastado mais de cem libras com esses aromas necessários para um sepultamento digno (19,39). Em Atos 5 Gamaliel I, fariseu, chefe do Sinédrio, doutor da Lei, é apresentado como exemplo de tolerância, moderação e abertura. Ele manda soltar os discípulos da prisão, sob o argumento de que se a obra deles fosse de Deus, continuaria, mas se fosse dos homens perder-se-ia por si mesma.

E mais, segundo Atos 15, 5, vários fariseus aderiram ao cristianismo, o que mostra a compatibilidade do cristianismo e do farisaísmo. São Paulo mesmo se declara fariseu, filho de fariseu, discípulo de Gamaliel (Atos 23, 6; 22, 3). E enfim, muitos estudiosos tentando localizar Jesus em um grupo do seu tempo pensam que o próprio Jesus era fariseu. Seu amor à Lei e sua compreensão das Escrituras o aproximam dos fariseus. Pierre Lenhardt e Mathieu Colin, estudiosos da Bíblia e do judaísmo, sustentam essa posição<sup>15</sup>. Tudo isso nos mostra que a hostilidade contra os fariseus nos Evangelhos não deve ser generalizada. Ela deve ser vista no seu contexto. E ela não deve nos impedir de ver entre farisaísmo e cristianismo certas afinidades. Pois, aquém e além dessas violentas polêmicas, as consonâncias dos ensinamentos evangélicos com a tradição farisaica são numerosas e profundas. Vamos ver, pois um exemplo.

## TRADIÇÃO FARISAICA E TRADIÇÃO CRISTÃ

### *A Ressurreição dos mortos*

A fé na ressurreição é o ponto central na teologia cristã. Paulo, em 1Cor,15, explica bem a importância da ressurreição para os cristãos. Ele a

<sup>15</sup> Ibidem, p 9-16

fundamenta na própria ressurreição de Cristo. Para Paulo, se não se acredita na ressurreição a fé se torna vazia, ou seja, não há nenhum sentido no ato de crer. Não se precisa dizer mais nada para mostrar a importância da ressurreição dos mortos no cristianismo.

A teoria da ressurreição aparece no final do século II antes de Cristo e ela é desenvolvida justamente pelos fariseus<sup>16</sup>. Os fariseus são os primeiros a ensinar a fé na ressurreição. É assim que eles são vistos no Novo Testamento (At 23,8) O cristianismo, portanto, herdou dos fariseus a fé na ressurreição dos mortos, ou seja, aquilo que ele tem de mais central na sua doutrina. Assim, a própria tradição dos fariseus sobre a ressurreição dos mortos pode nos ajudar a compreender melhor as explicações de Jesus sobre a ressurreição nos Evangelhos. Vejamos, pois um exemplo.

Um texto famoso onde Jesus explica a ressurreição dos mortos é Mc12, 24-27. Os saduceus, que não acreditavam na ressurreição, tentam fazer Jesus entrar em contradição com a história da mulher que se casou sete vezes. Se os mortos ressuscitam, uma vez, que todos os sete estivessem ressuscitados de quem seria a mulher? Os saduceus tentam mostrar a falta de lógica desta crença. A resposta de Jesus é simples: não haverá casamento na outra vida, mas todos serão como anjos.

Do outro lado, Jesus tenta reforçar a teoria da fé na ressurreição. Ele utiliza dois argumentos para fundamentar a fé na ressurreição dos mortos: O conhecimento das Escrituras e o conhecimento do poder de Deus. Para Jesus o engano dos saduceus é por causa do desconhecimento das Escrituras e do poder de Deus. Os saduceus nem conhecem as Escrituras e nem o poder de Deus, por isso não acreditam na ressurreição.

Ora, o conhecimento do poder de Deus, como fundamento da ressurreição dos mortos, é utilizado pelos os fariseus desde o final do século II (2Mac 7,22-23.28-29). Essa técnica de fundamentar a fé na ressurreição, através do

<sup>16</sup> LENHAT, P. *Lê Judaïsme à L'Aube de L'Ere Chretienne.. Paris: du Cerf, 1999 (Col. Lectio Divina, 186, p. 134-140)*

conhecimento do poder de Deus, ficou tão normal no meio fariseu, que o poder de Deus acaba por significar, de modo especial, o poder de ressuscitar os mortos. Uma prova disso é que a segunda bênção das 18 bênçãos (shemoneh essereh) é dirigida a Deus, por causa do seu poder de Ressuscitar os mortos. Essa bênção é chamada mesmo de potência. Nela os fariseus se dirigiam a Deus como Aquele que tem o poder de ressuscitar os mortos: *"Tu és eternamente poderoso, Senhor! Fazes viver os mortos, multiplicas a salvação... Quem como tu, Senhor das potências? E quem te é comparável, Rei que fazes morrer e fazes viver, que fazes germinar a salvação? Tu és fiel fazendo os mortos viverem. Bendito és tu Senhor que fazes viver os mortos"*<sup>17</sup>. Por esta bênção os fariseus fundamentam a fé na ressurreição e o argumento, que contém nesta bênção, é o conhecimento do poder Deus.

Ora, quando Jesus utiliza o conhecimento do poder de Deus como prova da ressurreição dos mortos, ele recorre a uma tradição que antes dele já ensinava a fé na ressurreição, que é a tradição farisaica. Portanto, se a gente conhece a tradição farisaica sobre a ressurreição, a gente se torna familiar da linguagem utilizada por Jesus para falar de ressurreição nos Evangelhos.

Se a gente pega o segundo argumento utilizado por Jesus, nós vamos chegar também à tradição farisaica. O segundo argumento é o conhecimento das Escrituras. Para Jesus, é das Escrituras que se pode tirar a prova de que os mortos ressuscitam. Nas Escrituras, Deus se diz Deus de Abraão de Isaac e de Jacó, Deus dos vivos e não dos mortos.

Ora, um texto do Talmud da Babilônia nos oferece um exemplo igual a esse de Jesus<sup>18</sup>. R. Simai diz de onde sabemos que a ressurreição dos mortos é ensinada nas Escrituras? Porque foi dito estabeleci igualmente uma Aliança com eles (com os patriarcas) para dar-lhes a terra de Canaã (Ex 6, 4). Não é dito para dar-vos, mas para dar-lhes, daí resulta que a ressurreição dos mortos é ensinada pelas Escrituras.

<sup>17</sup> Cf. COLLIN, M.; LENHARDT, P. *Evangelho e Tradição de Israel*. [s.l. s.n.]. Tradução. M. Cecília de M. Duprat, 1990 (Col. Cadernos Bíblicos, 58, p.35-42)

<sup>18</sup> Ibidem

Para R Simai, Deus estabeleceu sua aliança com os patriarcas e é precisamente a eles que quer dar a terra de Canaã. Mas, se esses patriarcas já estão mortos para sempre, essa promessa não tem mais finalidade e a Escritura se torna falaciosa, uma vez que ela mantém essa promessa. Portanto, ao fazer essa promessa, Deus faz compreender que ele tem o poder de tornar de novo vivos os patriarcas, para que eles próprios possam herdar a terra de Canaã. Só a ressurreição dos mortos pode fazer essa promessa ser cumprida.

Para R. Simai não se pode usar a Escritura como uma prova imediata e evidente da ressurreição. Somente através de uma tradição de interpretação e de uma leitura atenta da Escritura é que se pode achar nela provas da ressurreição.

É justamente esse tipo de exegese que Jesus usa para tirar das Escrituras (Ex 3, 6) a prova da ressurreição dos mortos. Para ele, o fato de Deus se dizer em Ex 3, 6 que ele é o Deus de Abraão de Isaac e de Jacó exprime seu poder de ressuscitar os mortos. Pois, os patriarcas já estão mortos e Deus se diz o Deus deles. Isso significa que os patriarcas estão vivos ou que um dia eles ressuscitarão junto de Deus. Como os patriarcas estão mortos, isto significa que um dia Deus os ressuscitará. Pois, Deus é o Deus dos vivos e não dos mortos. Os saduceus não chegam a essa conclusão simplesmente porque desconhecem o poder de Deus, e por último não sabem interpretar as Escrituras

Mais uma vez nós vemos Jesus recorrendo à tradição farisaica para provar, diante dos saduceus, que os mortos serão ressuscitados. A tradição farisaica e a tradição cristã aqui não se rejeitam, mas se complementam. As duas defendem a mesma teoria por uma só tradição de interpretação das Escrituras.

Para mim, estudar os fariseus e o farisaísmo é estudar as próprias raízes do cristianismo. Enquanto cristão, eu me sinto herdeiro desse patrimônio, dessa história. Portanto, penso que um estudo sério sobre os fariseus nos ajuda a descobrir o que temos em comum com o judaísmo e certamente facilita um diálogo fraterno com os fariseus modernos, que são os nossos irmãos judeus.

### *Bibliografia*

- FINKELSTEIN, L. *The Pharisees. The Sociological Background of their Faith*. Philadelphia: [s.n.], 1938.
- HERFORD, R. Travers. *Les farisiens*. Paris: Payot, 1928.
- LENHARDT, M. Collin. P. *Evangelho e tradição de Israel*. [s.l. s.n.] Tradução. M. Cecília. de M. Duprat, 1994 (Col. Cadernos Bíblicos, 58).
- LENHARDT, P. *Le judaïsme à l'aube de l'ère chrétienne*. Lyon: Editions du Cerf., 1999 (Col. Lection Divina)
- MANNIS, F. *Le judaïsme, Millieu et Memoire du Nouveau Testament*, Jerusalém: Franciscan Printing Pres, 1992.
- MIRANDA, Evaristo.E. de.; MALCA, José. M. Schorr. *Os sábios fariseus, reparar uma injustiça*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 122
- NODET, E.; TAYLOR; J. *Essai sur les origines du christianisme*. Paris: Edition du Cerf, 1998.
- PICARD, M. *Juifs et judaïsme( de 700 a.c à 70 d.c)*, Paris, Pajej, 1987.

Diácono Manoel F. de Miranda Neto é Mestrando em estudos bíblicos pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

## DIREITO CANÔNICO

---

---